

ROMANCE DO PINGO VOLUNTÁRIO

Apparício Silva Rillo

Voluntário em vinte e três,
Chico Pequeno, um piá,
deixou rastros na memória
dos que pelearam a seu lado
nas serras do caverá...

Quando o estancieiro caudilho,
de cima do baio negro,
sacudiu seu pala branco
fazendo um charachachá,
no meio de toda a gente
o primeiro passo à frente
quem o deu foi o piá.

- Não quero guri na tropa!
Gritou de cima do baio
o caudilho comandante.
- Lugar de guri é em casa
junto da saia da mãe.
Que apresente seu pai,
que este sim agora vai
para seguir com a coluna
queira ou não queira marchar.
Pois de certo por covarde
ficou aqueitando ao fogo
e manda a cria em seu lugar...

Chico Pequeno, o piá,
com o chapéu esmagado
dentro das mãos contorcidas
num fio de voz respondeu:
- Respeite sua memória,
Seu Capitão Comandante.
Não se chama de covarde
a um taura que já morreu.
E se hoje me apresento
foi atendendo a promessa
que lhe fiz, quase em seu fim:
De levar a sua lança
para pelear na coxilha
sempre que o pago se erguesse
para seguir um clarim!

Já com a voz embargada,
o duro e velho caudilho
a quem Deus não dera um filho

para seguir-lhe o exemplo,
ao voluntário indagou:
- E sua mãe sabe disso?
Chico Pequeno, o piá,
respondeu num sufragante:
- Sabe sim seu comandante,
foi ela quem me mandou...